

HISTÓRIA CHEIA DE BOSSA

Tcharly Magalhães Briglia¹

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo:

Este texto consiste numa resenha crítica da obra *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* (2008). O livro apresenta um panorama dos fatos que norteiam a ascensão da bossa nova, estilo musical responsável por introduzir uma significativa mudança no cenário brasileiro do século XX. Repleto de histórias sobre o contexto histórico e artístico, bem como sobre os artistas que protagonizaram o período, a obra delinea-se de modo quase literário, a fim de situar o leitor numa fase crucial para a definição da identidade nacional.

Palavras-chave: Bossa Nova, identidade nacional.

Abstract:

This paper consists of a critical review of the book *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* (2008). The book offers a panorama of the facts that lead to the rise of the *bossa nova*, the musical style responsible for introducing a significant change in the Brazilian scene of the 20th century. Full of stories about the historical and artistic context, as well as about the artists that represented the period, the book portrays in a literary fashion, a crucial phase in the definition of national identity.

Key-words: Bossa Nova, national identity.

¹ Discente do Curso de Letras do DLA/UDESC. Resenha integrante das produções do projeto de Iniciação Científica *Assim caminha Gabriela, cheia de bossa*, em fase de desenvolvimento e financiado pela FAPESB. Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Maria Pereira do Sacramento.

Ruy Castro, jornalista, brasileiro de Minas Gerais, dedicou muitos anos de sua bem-sucedida carreira aos grandes veículos da imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo. No início da década de 1990, passou a direcionar o seu trabalho para a escrita de biografias, das quais se destacam: *O Anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues* (1992), *Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha* (1995), *Carmem: uma biografia* (2005), entre outros estimados textos.

Quando se ouve a palavra biografia, normalmente o que se vem à memória é um livro que relata a vida de uma ou mais personalidades. Em *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* (2008), Ruy narra a vida e a obra de uma das mais importantes personalidades da música brasileira: a Bossa Nova. Isso mesmo. Seu relato mescla um tom jornalístico, literário e até mesmo sentimental, que abarca a introdução, o desenvolvimento e o suposto fim do estilo musical que consolidou grandes artistas brasileiros. Na obra, a Bossa Nova, com letra maiúscula, ganha foros de personagem, repleta de histórias de amor, ódio, sucesso e, acima de tudo, efervescência musical. Embora tenha sido publicado no início da década de 1990, o livro foi reeditado em formato de bolso, em 2008, sem as ilustrações da edição original. Isso mostra o nível de acessibilidade dessa obra, que continua “em pleno vigor”, mesmo depois de vinte anos de publicação.

A Bossa Nova marcou época! Entre as manifestações culturais do século XX, destacou-se como uma daquelas que trouxe um sem número de efeitos e repercussões no cenário nacional e estrangeiro. O Brasil ganhava fôlego como centro irradiador de um estilo musical que, embora influenciado pelo jazz americano, transformou o modo de se fazer, ouvir, cantar e entender a música. Uma Bossa Nova para um país que se pretendia novo, logo o ar de novidade não transitava

apenas nas mentes criativas dos músicos que deram vida ao movimento. As canções e suas intenções reverberaram na estrutura social verde e amarela, a ponto de apelidar um presidente da República. Compreender a Bossa Nova pela crítica quase literária de Ruy Castro é viagem das mais belas e inesquecíveis. Aprendizado, informação e leveza na linguagem conferem ao livro caráter de leitura imprescindível em qualquer bibliografia digna sobre os movimentos musicais da segunda metade do século passado.

Chega de saudade é o homônimo da canção de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, na qual primeiro se teve contato com a *batida* original de João Gilberto. O título da obra, em apreço, não poderia ser mais significativo. Parte-se da música tida como marco do estilo, embora já houvesse conhecimento de outras manifestações musicais que principiavam toda a transformação que ocorreria a partir de 1958. O livro é dividido em duas partes: “O grande sonho”, composto por dez capítulos, nos quais se delineiam os antecedentes e os primeiros momentos pós-estopim da canção de João Gilberto; e “O Grande feriado”, doze capítulos que descrevem de que modo se deu a ascensão da Bossa Nova no Brasil e seus efeitos em outros pontos do planeta.

O prólogo de *Chega de saudade...* assemelha-se muito ao primeiro capítulo de uma narrativa, na qual são apresentados os personagens, o espaço e o tempo, bem como, as linhas fundamentais do enredo. Neste caso, o personagem é Joãozinho, o espaço é a cidade de Juazeiro, na Bahia, e o recorte temporal enfatiza os últimos anos da década de 1940. Parece bem literário, romance dos mais dramáticos: um menino, apaixonado pela música, enfrenta as formalidades patriarcais e religiosas de sua família, a fim de concretizar seu grande sonho. Muda de cidade e passa a lutar

incessantemente para obter o sucesso e a felicidade intentada. Bem, essa sinopse funcionaria se fosse o caso de narrar a vida de apenas um personagem. Embora Joãozinho seja, na verdade, João Gilberto, futuramente ícone da música nacional, a protagonista da história e/ou do relato de Ruy Castro é a Bossa Nova, a grande estrela das mais de quatrocentas páginas do livro.

No capítulo um, “Os sons que saíam do porão”, e no posterior “Tempo quente nas Lojas Murray” é relatada a euforia de jovens cariocas da Zona Norte, preocupados com a criação do Sinatra-Farney Fan Club, cujos sócios, completamente envolvidos com as canções de Frank Sinatra e Dick Farney, além de mostrarem seu carinho e interesse pelos artistas, montavam, eles mesmos, pequenos espetáculos musicais. Havia também disputas entre fã-clubes, acirrada com a criação do Dick Haines Lucio Alves Fan Club. Destaque para a importância das Lojas Murray como ponto de encontro dos fanáticos por boa música, conforme relatado no capítulo dois.

As aventuras de João Gilberto rumo ao estrelato voltam a figurar no capítulo três. Quando saiu de Juazeiro, em 1950, com destino para Salvador, João não sabia que seu futuro estava em outra cidade, o Rio de Janeiro. Nesta, passou a ser um dos integrantes do grupo “Garotos da Lua”, do qual sairia por conta dos seus hábitos nada convencionais. O cantor sempre estava “por alguns dias” na casa de alguém, além de se atrasar muito para os compromissos profissionais. Quando foi “convidado” a sair do grupo e, conseqüentemente, do *mundo da lua*, João acabou sendo conquistado pela turma do Quitandinha Serenaders, e entre os seus componentes estava Luís Telles, que desempenhou papel de extrema importância na vida e na carreira de João Gilberto.

Um personagem que não poderia deixar de fazer parte desse panorama musical é Antonio Carlos Jobim. No quarto capítulo da obra, Ruy Castro passa a narrar os primeiros passos de Tom na carreira de músico. Após enfrentar inúmeros contratemplos, Tom acabou se tornando arranjador da gravadora Continental. Sua amizade com o *misterioso* Newton Mendonça, além de repleta de experiências pessoais inesquecíveis, foi responsável por grandes composições da Bossa Nova. Aliás, no quesito parceria, Tom sempre militar de modo categórico. Foi assim com Billy Blanco, Vinicius de Moraes e, até mesmo, com Frank Sinatra. Tom também seria um dos compositores de *Tereza da Praia*, na qual se encontravam pólos supostamente opostos da música dos anos dourados brasileiros: Dick Farney e Lucio Alves.

Na descrição do espaço de sua *narrativa*, Ruy Castro não deixa de se colocar diante das Lojas Muray - importante na difusão da música e como ponto de encontro dos artistas - e a Casa Villarino, de onde talvez tenha surgido o pontapé inicial para *Orfeu da Conceição*, musical de Tom e Vinicius, que estrearia em 1956. Espaços privilegiados com a efervescência cultural, mas, nem sempre, de fácil acesso por todos os grupos. As mulheres, por exemplo, teriam que desafiar toda uma estrutura que ditava comportamentos adequados e que considerava até mesmo o violão como algo imoral. Daí, serem valorizadas as atitudes de Dolores Duran, Maysa e Sylvinha Teles, dispostas a romper com aquilo que era esperado para as mulheres daquele período.

No caso de enfrentarem a família, as mulheres poderiam aprender violão na *Academia* de Roberto Menescal e Carlos Lyra. Embora também houvesse interesse nas alunas, a paixão pela música prevalecia. A futura noiva de Ronaldo Bôscoli, Nara Lofego Leão, foi

uma das assíduas alunas da *academia*. Em pouco tempo de estudo, a aluna já cedia espaço para as reuniões pós-aula, no famoso apartamento, onde, para muitos, surgiu a Bossa Nova. Vale considerar que, na realidade, pouco ou nada se compunha no referido apartamento, onde Nara morava com a família, embora os encontros fossem regados com a boa música dos jovens. Em 1956, artistas como Roberto Menescal, Carlos Lyra e Chico Feitosa faziam do espaço o local ideal para expressar o que de melhor se produzia no novo estilo musical.

A fim de compreender como teve início a famosa parceria entre Tom Jobim e Vinicius de Moraes, Ruy Castro discute o processo de montagem de *Orfeu da Conceição* (1956). Vale considerar que, por meio do tom humorístico, temos conhecimento dos vários responsáveis por apresentar a dupla, que comporia um repertório nacional e internacionalmente conhecido. Músicas, de certa forma, atemporais.

Chega de saudade... também se destaca pela riqueza de detalhes e curiosidades contadas, facilitadores da compreensão de como aconteceu, de fato, a ascensão da Bossa Nova no país. Ainda na primeira parte do livro, o autor relata os meses nos quais entrou em *peregrinação* pelo país (Rio Grande do Sul, Diamantina, Juazeiro, Salvador e Rio de Janeiro), com uma série de dúvidas, incompreensão e reflexão. A procura era pela batida perfeita, nova. Não foi fácil chegar até ela, assim como não foi sem maiores responsabilidades, para os amigos, agregarem João Gilberto em suas casas, se considerarmos seus hábitos exóticos.

De volta à antiga capital, João reencontra Tom, que, após conhecer aquele novo jeito de tocar, decide gravar *Chega de Saudade*, já composta com Vinicius algum tempo antes. *Canção do Amor demais*

é o clássico LP de Elizete Cardoso, no qual primeiro se gravou *Chega de saudade*, em 1958, ano em que a seleção brasileira de futebol conquistou o título da Copa do Mundo. Os novos tempos, ritmados pela *nova batida*, trariam consequências importantíssimas para o cenário cultural do país.

Paralelo ao show dos craques da bola, na Suécia, os músicos daqui também driblavam desafios a fim de produzir o segundo disco do novo astro da música. Já não era o segredo para ninguém o desejo que João Gilberto tinha de gravar um disco só seu e esse surge com o mesmo título da música que lhe projetaria para o mundo. *Chega de saudade*, o disco, *apadrinhado* por Dorival Caymmi, elogiado por Lucio Alves, obteve sucesso considerável em São Paulo, superior, inclusive, à repercussão do disco no Rio de Janeiro. A canção de João Gilberto foi um verdadeiro espelho para os mais jovens, ávidos por uma forma de fazer música, materializada, naquele instante, pela genialidade do homem em que se transformou o pequeno Joãozinho, de Juazeiro. Lyra, Menescal e Bôscoli se apaixonaram pela *batida*, que se tornou verdadeira obsessão.

Ainda na primeira parte do livro, mais especificamente no capítulo dez, Ruy Castro apresenta a história da *origem* do nome Bossa Nova, resultado da proeza nem mesmo planejada de uma secretária do Grupo Universitário Hebraico, que, na ausência de um nome para os músicos que se apresentariam no show de 1958, acabou por chamá-los de Bossa Nova. Após descrever o processo de produção do disco *Chega de Saudade* e das várias casas pelas quais João Gilberto passou, o autor finaliza a primeira metade do seu livro, deixando o espaço livre para o *grande feriado*, relato para as páginas seguintes.

Orfeu da Conceição acabou sendo adaptado para o cinema – apesar de os seus verdadeiros autores não terem lucrado muito com o projeto –, numa co-produção franco-italo-brasileira, vencedora do Oscar de melhor filme estrangeiro de 1959. “[...] quando o filme chegou ao Brasil, o LP *Chega de saudade* já estava nas ruas, uma “geração inteira” fora influenciada e só então Tom, Vinicius e João Gilberto foram informados de que haviam inventado a Bossa Nova” (p. 218-9). De 1958 a 1960, Tom e Vinicius compuseram pérolas que se transformariam em grandes sucessos internacionais. O show de 22 de setembro de 1959, no anfiteatro da Faculdade de Arquitetura da PUC-RJ, seguido dos shows de novembro, na Escola Naval, e dezembro, na rádio Globo, consolidaram ainda mais aquela onda musical do Brasil dos anos 1950. Era o momento do novo, da Bossa Nova, “É o que há de moderno, de totalmente novo, e de vanguarda na música brasileira” (p. 226), conforme as palavras de Ronaldo Bôscoli.

A década seguinte foi decisiva para a consolidação da Bossa Nova e isso Ruy Castro consegue traduzir muito bem em sua obra, embora as fontes das informações, muitas vezes, não fiquem tão claras, dadas às várias versões para uma mesma história. Os artistas bossanovistas nunca negaram a crítica que faziam à música dita tradicional, assim como a crítica, principalmente aquela operada pela mídia, não mediu esforços para denegrir a imagem do novo estilo, influenciado pelo jazz americano. Um dos momentos de destaque na imprensa da época foi a entrevista dada à Revista *Cruzeiro*, na casa do pianista Bené Nunes, músico de grande qualidade na época. Ainda no começo de 1960, outros fatos dariam nova configuração ao fenômeno *Bossa Nova*, como o casamento de João Gilberto com Astrud Weinert, tendo Jorge Amado como padrinho. No mesmo

período, estava sendo preparado o segundo disco do músico baiano, *O amor, o sorriso e a flor*, reunindo grandes *hits* da bossa.

Retomando a analogia de *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* com uma narrativa, não poderiam faltar mistérios, intrigas e separações nesse enredo embalado também por polêmicas. Amigo de infância e parceiro de Tom em muitos sucessos, Newton Mendonça, por exemplo, até hoje é um dos grandes pontos de interrogação da história da Bossa Nova. A participação de Newton na configuração do novo estilo musical nunca foi muito divulgada, antes e depois da sua morte. Poucos são os que sabem da estimada contribuição dada pelo músico às grandes músicas gravadas por Tom.

O ano de 1960 já começou com grandes conflitos entre os *personagens* da *narrativa* de Ruy Castro. Carlynhos Lyra e Ronaldo Bôscoli rompiam a parceria de anos, promovendo o *racha* da Bossa Nova, entre aqueles considerados de *direita* (a ala Bôscoli) e os de *esquerda* (a ala Lyra). A nova parceria de Bôscoli, com Roberto Menescal, renderia grandes sucessos, como *O barquinho*, imortalizado na voz de Maysa. Foi o chamado *grande feriado* da Bossa Nova, quando seriam compostos inúmeros sucessos com a temática *sal/sol/sul*. Em maio daquele mesmo ano, a ocorrência simultânea de dois shows de Bossa Nova no Rio de Janeiro – o grupo de direita na faculdade da Praia Vermelha e o grupo de esquerda na Faculdade da Gávea – causaria grande furor nos artistas da música e nos apaixonados pelo ritmo brasileiro mais bem sucedido do momento. Por sorte, ambos deram certo.

Ruy Castro também não deixa de relatar alguns casos curiosos da *protagonista da história*. O nome Bossa Nova, por exemplo, chegou, por um momento, a fazer parte de tudo que era novidade, seja no mercado musical ou publicitário. Outro caso curioso foi

estrelado por Tom Jobim e Vinicius de Moraes, convocados pela então presidente Juscelino Kubitschek para a composição de *Brasília, Sinfonia da Alvorada*, a ser apresentada na inauguração da nova capital. A apresentação acabou não acontecendo nem em 21 de abril de 1960, nem em nenhum outro momento, sem motivos aparentemente claros. Falando em situações curiosas, é óbvio que não se pode esquecer João Gilberto. Certa vez, seu padrinho de casamento, Jorge Amado, ligou para o compadre avisando da visita de Jean Paul-Sartre e Simone de Beauvoir. O escritor de *Gabriela, cravo e canela* (1958) queria oferecer aos convidados uma demonstração da qualidade da Bossa Nova. “Sartre e De Beauvoir já morreram e até hoje João Gilberto não chegou” (p. 266).

Vale considerar outros episódios da história da Bossa Nova, elencados em *Chega de Saudade*. Como o caso do *Grande roubo da Bossa Nova*. Muitos astros foram enganados pelo diretor musical Umberto Marconi, que aplicou um golpe na venda dos direitos autorais das músicas para gravações internacionais. Outro caso, literalmente, interessante, foi entre Maysa Monjardim e Ronaldo Bôscoli. O romance, que partiu de um interesse inicial em encontrar uma voz feminina de impacto para o mercado da Bossa Nova, acabou gerando conseqüências nada planejadas. Bôscoli ainda era noivo de Nara Leão quando se envolveu com o *furacão* Maysa. Seu erro foi não medir as conseqüências do seu *affair*. Além do rompimento com Nara, seu romance com Maysa dividiu ainda mais o grupo de músicos, uns defendendo Nara, outros apoiando Ronaldo Bôscoli, que provava ser realmente um *Lobo bobo*.

A temporada do show *O encontro no Bom Gourmet*, no Rio de Janeiro, é considerada, por Ruy Castro, como o grande momento da Bossa Nova no Brasil. Iniciada em agosto de 1962, foi nesse

espetáculo em que primeiro foi executada a canção que se tornaria um dos grandes sucessos da história da música, tocada pelos quatros cantos do mundo, até hoje. Acertou quem pensou na *coisa mais linda e mais cheia de graça* chamada *Garota de Ipanema*, a extraordinária parceria de Tom e Vinicius. No mesmo ano, após aquele show histórico para a Bossa Nova, por ter sido o único que reuniu, no mesmo palco, os astros João Gilberto, Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, o ritmo brasileiro *explodiria* nos EUA, embora haja controvérsias sobre a repercussão do famoso show no Carnegie Hall, em Nova Iorque, em 21 de Novembro de 1962. Dali, surgiriam grandes parcerias, como os discos com João Gilberto, Stan Getz e Astrud Gilberto, bem como o disco com Frank Sinatra e Tom Jobim.

Depois desses dois shows, muita coisa chegaria ao fim, dando início a uma suposta *Segunda Onda da Bossa Nova*, por volta de 1964. O show, nos EUA, representou uma espécie de diáspora, pois, enquanto muitos voltariam ao Brasil, dando continuidade ao que tinham começado, outros ficariam em terras estrangeiras, alçando novos voos, como Sérgio Mendes e tantos mais.

A participação de Nara Leão nessa *emocionante* história da Bossa Nova não se resumiu aos encontros em seu apartamento, no início de tudo. Influenciada pelo relacionamento com o cineasta moçambicano Ruy Guerra, Nara começou, no início da década de 1960, uma nova fase em sua carreira. Vencendo a timidez e conquistando mais espaço, a cantora lançaria, em 1963 e em 1964, respectivamente, os discos *Nara* e *Opinião de Nara*. Com o show *Opinião*, Nara passaria a ser conhecida como a “musa do protesto”, dado o contexto da ditadura militar no Brasil. Dessa forma, dava-se seu rompimento com a Bossa Nova alienada, isto é, sem comprometimento político-ideológico. *Pobre menina rica*, de 1963, foi

um espetáculo marcante, considerando a crítica social do texto num período de tanta repressão. A chamada *Segunda Onda da Bossa Nova* se comprometeria com canções mais sociais, numa analogia palco-palanque, canção-comício.

E se parecia estar faltando algum elemento nessa *narrativa bossanovista* que apimentasse ainda mais o conflito, eis que surge um confronto entre *mocinhas*: Nara Leão e Elis Regina. Elis despontou definitivamente para o público em outubro de 1964, no show *O remédio é a bossa*. Os confrontos entre as duas aconteciam até por meio da mídia, em suas entrevistas. Criticando o comportamento e a carreira da outra, ambas passariam pelo *grande duelo*, no festival de 1966. Nara defendeu *Disparada* e Elis se sentiu bastante à vontade com *A banda*.

Parece que quem gostava mesmo de tórridos romances, com direito até a confrontos físicos, era Ronaldo Bôscoli. Se já não bastasse seu romance anterior com Maysa, Bôscoli casaria com Elis Regina, mesmo com todo mundo achando que ambos eram grandes inimigos. Os dois não foram “felizes para sempre”, mas dividiram o teto por alguns anos bem conturbados. E não dividiram só os mesmos lençóis. A parceria parou nos palcos do programa *O fino*, comandado pela cantora, por Jair Rodrigues e, posteriormente, por Bôscoli e por Luís Carlos Miéli. Embora enfatize a contribuição dos grandes *desbravadores* da Bossa Nova, o livro também cita o sucesso dos trios, tais como Tamba Trio, Jongo Trio e Bossa Três; a meteórica carreira de Wilson Simonal; o sucesso da parceria Elis e Jair Rodrigues; a ascensão de Leny Andrade e tantas outras vozes que, juntas ou distantes, propagaram a Bossa Nova pelo mundo.

A verdadeira proeza de Ruy Castro, em *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* é contar a história de uma das

estrelas do século XX de modo leve, didático e, por que não, literário. A impressão que se tem é que cada capítulo apresenta um novo elemento para a emocionante e divertida história dos músicos e das músicas que mudaram a forma de cantar e tocar, tanto em território nacional, como em estrangeiro. É considerável a contribuição da obra para aqueles que se envolvem, científica e emocionalmente falando, com a história cultural deste país. Longe de ser um fenômeno estritamente musical, a Bossa Nova trouxe conseqüências para outras arenas. As fontes de Ruy foram os próprios partícipes dessa epopéia de amores, intrigas, dores e alegrias. A reedição desta obra prova que o povo brasileiro ainda lembra, cheio de saudade, da onda musical que balançou os anos dourados brasileiros, alcançando até o regime militar. Vale a pena ler todo o texto – que serviu, inclusive, para outras publicações, como *Da bossa nova à tropicália* (2001) – e se deliciar com essa história que deve ser recontada e recantada dentro e fora dos muros das universidades brasileiras, onde toda a euforia de shows começou, há quase meio século.

Referência

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 456 p.